



Histórias de vida e o Vera

O grande Luiz



Luiz Carlos dos Santos (Luizão)

Professor de Língua Portuguesa (EM)



A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan (Casa Vera Cruz)**

Revisão: **Iara Arakaki (Casa Vera Cruz)**

Pesquisa de imagens/Acervo Vera Cruz:

Alexandre Leite (Biblioteca Geral)

Apoio: **Araceli de Carvalho (Casa Vera Cruz)**

e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritoras: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Luciana Gomes de Oliveira, Marcela Boni e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo: **André Nascimento e Luís Guilherme Lima**

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Luizão começou a trabalhar no Vera em 1996.
Ele se despediu da Escola em 2017.

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Unidade Vila Ipojuca da Escola Vera Cruz, em abril e maio de 2023.

Sou o que soa

Não gostava desse apelido, Luizão; não gosto nem do aumentativo nem diminutivo. Não gosto nem de Luizão e Luizinho. Fui chamado pelos dois. Na minha família, era Luizinho. O primeiro neto, primeiro filho, então, desde pequenininho, Luizinho. Só que aí fiquei com um metro e noventa e no Vera virei Luizão. É uma coisa hiperbólica, exagerada, sei lá, mas eu não reclamava, não. Tenho noção de que é esse o momento para um apelido se fixar, quando você começa a falar que não gosta. Ficou, mas tudo bem. É uma coisa que está associada à minha presença física, melhor do que Negão. Só me chama de Negão quem eu conheço e permito que faça isso. "Você fala Brancão para o professor branco grande? Não fala. Então, pense antes."

Os anos de aprendizado

Minha experiência educacional começa com uma atividade voluntária na década de 1970. Sou jornalista de formação, e, à noite, no Rio de Janeiro, dava aula em uma das comunidades do Complexo do Alemão, por iniciativa nossa e de uma entidade educacional ligada à igreja. Era um curso de alfabetização de adultos, e minha participação nesses

cursos foi sempre ligada à visão crítica da sociedade, com uma intersecção muito forte com a minha própria condição de ser negro no Rio de Janeiro e protagonista de algumas situações; por exemplo, de batidas policiais violentas, militante daquele movimento negro, na década de 1970, e com uma criticidade típica de suburbano, que é o que eu sou.

Nasci na Andaraí, me criei em Brás de Pina, subúrbio mesmo, onde estudei, fiz minha formação e eu sou técnico em contabilidade, porque esse é o caminho que geralmente jovens negros e negras tinham naquela época para continuar uma vida razoável e se integrar, quem sabe, na sociedade de classe de uma forma menos precária.

Foi essa formação que me levou a fazer a primeira atividade econômica. Tive muita dificuldade, mesmo formado, em arrumar emprego na época. Em 1972, entrei na faculdade, mas, em 1971, eu não conseguia arrumar emprego, e logicamente isso estava associado à questão de ser um jovem negro no mercado de trabalho. Para isso, eu fiz das tripas coração, botei até blazer, andava de blazer, uma coisa que redundou em nada, a não ser um reforço da consciência do racismo no Brasil. Finalmente, consegui um emprego e com o salário desse emprego ajudava em casa e, ao mesmo tempo, pagava o cursinho pré-vestibular.

Entrei na primeira prova da Cesgranrio, na época, em 1971, para a Universidade Federal Fluminense, no curso de jornalismo. Isso vai me levar, posteriormente, a participar de eventos educacionais em comunidades precarizadas, o que eu chamava, à época, de proletariado. Sempre trabalhando durante o dia e, à noite, fazendo trabalho voluntário na educação. Em determinado momento, foi exigido de nós uma autorização para que a gente pudesse dar aula, e até para segurança nossa, em termos de atuação nos espaços, para não sermos confundido, já que eu, homem negro numa favela, numa comunidade, com problemas relacionados a narcotráfico e outros, naturalmente já era confundido com um narcotraficante, um bandido, seja lá o que for, como todo homem negro é visto.

A partir daí, então, consegui essa autorização para dar aula de Língua Portuguesa, lá no Rio, dada pela Secretaria de Educação. Comecei a dar aula, me mantendo como repórter, participando da fundação de alguns jornais e das pautas de jornais alternativos daquela época. Fui rádio-repórter, fui repórter e, em determinado momento, fiz uma greve no jornal com os meus colegas e fui demitido por isso.

É importante também salientar que anteriormente eu dava aulas particulares na rua que eu morava. Aí, já um pouco mais

adulto, em Duque de Caxias. Caxias sempre foi um lugar muito violento, Caxias é o berço do Esquadrão da Morte, por exemplo. E, durante muito tempo, trabalhei cobrindo [a editoria de] polícia, quer dizer, era uma coisa que, para mim, foi importantíssima na escola do jornalismo, tanto a cobertura de polícia quanto a cobertura de esporte. São os dois “filés mignon” do jornalismo em termos de aprendizagem, de contato com a realidade brasileira. Na polícia, porque muitas vezes o repórter policial se confunde com o próprio policial; e no esporte, porque você conhece como funcionam essas estruturas.

No sangue, na marra

Minha facilidade de falar e fazer coisas com relação à questão social negra, que chamo hoje sociorracial, me facilitava entrar nos espaços, mas minhas posições políticas com relação a isso facilitavam minha saída. Essa coisa que se discute hoje, chamada perigosamente de racismo estrutural, é uma brilhante construção do professor Silvio Almeida, para resgatar como o funcionamento do racismo no Brasil vem acontecendo, mas não era para nós, militantes do movimento negro e do povo brasileiro no geral. Para nós, se nós tivéssemos uma democracia racial, efetivamente eu não estaria aqui falando sobre isso, estaria falando de outras coisas.

Mas, em função dessa experiência, a gente começa a ser um pouco mais conhecida, e esse conhecimento chega tanto para quem se identifica com o que você pensa como para quem não se identifica. Sempre fui um militante ativista do movimento negro, não me descobri negro em nenhuma circunstância especial, porque eu nasci negro, minha família é negra e, como eu sou o primeiro filho de uma família de três, minha mãe do lar e meu pai ferroviário, o nível de conhecimento ou de consciência que eles tinham sobre a questão era o da sociedade brasileira.

Então, na marra, fui tomando pancada aqui e ali e percebendo como as coisas iam acontecendo para mim. Primeiro, não conseguindo emprego facilmente; e, segundo, quando conseguia, eu tinha que ter um jogo de cintura muito grande para não deixar de ser como sou e, no processo, me embanquecer e criar um mecanismo como muitos criaram para sobrevivência dentro dessa adequação.

Sempre procurei me manter, de uma forma sensata, coerente e fiel aos meus princípios, muito bem sedimentados ao longo das minhas duas formações acadêmicas. Fiz um curso de jornalismo com excelentes intelectuais, como Muniz Sodré, Nilson Lage, Cacaso.

A polícia sempre teve uma facilidade muito grande em ver bandidos nos negros. E, nós, negros, de um modo geral, sempre percebemos isso, pelo menos para minha geração isso era muito nítido. E o que eu fazia para me resguardar era ficar em casa, lendo. Eu lia e, ao mesmo tempo, toda vez que eu saía, procurava de alguma maneira articular minha leitura com o que eu estava vendo, porque eu não tinha interlocutor, objetivamente, em casa. Meus pais não tinham essa preocupação, e eu tinha uma coisa que me deu muita consciência: sempre gostei muito de música, música sempre fez minha cabeça. Eu ouvia o conteúdo, se eu devia ou não dançar aquela música, se eu devia aproveitar de uma forma mais séria ou me divertir com ela. Eu ouvia Ray Charles sem saber inglês, porque meu pai ouvia. Essa foi a contribuição do meu pai em termos de minha formação como negro.

Então, ficava em casa ouvindo música. E, ao ficar em casa ouvindo música, também acompanhava os programas radiofônicos policiais. Tinha um programa chamado *Patrulha da Cidade*, que era profundamente violento com relação à juventude negra. Todos os acontecimentos de roubo, assassinatos e crimes que aconteciam fundamentalmente no subúrbio, na Baixada, eram noticiados, tendo como consequência o protagonismo negro. Um negócio espetacularizado mesmo. E era muito

ouvido no Rio de Janeiro, um programa feito por um tal de Samuel Corrêa, que virou deputado depois. Eu anotava as coisas e denunciava, na medida do possível, mas essas denúncias não tinham efeito na massa da população negra, que de alguma maneira também faz aquela velha e boa pergunta racista: “Mas o que que eles fizeram?”

Então, era essa minha formação entre ouvir o que estava acontecendo no geral, ler muito a respeito, discutir com os colegas no curso de jornalismo e, posteriormente, com colegas jornalistas também. Também nos espaços de trabalho, geralmente eu era o único com posicionamento crítico com relação às questões. E quando eu falava que eu era negro, para essas [pessoas] era muito difícil. Mesmo na minha família. Minha própria mãe falava: “Você está procurando chifre em cabeça de boi, está procurando confusão”. A mãe da minha mãe era negra, os meus avós paternos, negros, quer dizer, só negros na família. Eu, negro, sem dúvida. Minha mãe seria uma pessoa parda, porque o pai era português: “O papai era pardo”. Aquela velha história: pega uma mulher negra bonita, como minha vó, têm duas filhas com ela e depois vai para Portugal.

Tudo isso vai ser acrescido ao meu currículo de professor, já que jornalista está trabalhando com a linguagem o tempo

inteiro, de uma forma mais dinâmica, provavelmente, do que professor de Português, porque estou escrevendo o tempo inteiro. Como jornalista, comecei no lugar que todo mundo terminava, na Rádio JB. Minha editora era Ana Maria Machado. Quer dizer, uma escritora. Entrevistei Pelé, eu com 22 anos, ao lado da Glória Maria, por exemplo. A rádio me proporcionou isso, em função de eu ser um dos poucos, ou o único, na época, repórter negro. Claro que reconheço em Ana Maria posições políticas bem diferentes da minha, mas ela sempre foi uma pessoa que democraticamente respeitava as condições, possibilitava nosso trânsito em relação a trabalho, distribuição de pauta, isso foi ajudando.

A formação da gente é profundamente dialética. São relações de vários contrários que vão nos constituindo como pessoas, inclusive a não consciência da família. Na minha família, eu sou professor, jornalista e sociólogo e tenho uma irmã médica e outra irmã professora, também. Só minha irmã médica estudou em universidade privada. Na minha família, tenho primas dentistas, psicólogos, engenheiras. É uma família negra que, agora, nesta nova conjuntura, se reconhece como tal, como negra, embora antes fosse só o cara chato aqui que se colocava nessa perspectiva. É uma família negra, com mulheres negras bonitas que se casaram com homens brancos.

A dura poesia concreta

Vim para São Paulo e a minha namorada na época também veio, um pouco antes. Ela veio convidada, para dirigir uma escola aqui, ela era professora – era não, é. E ela foi convidada para dirigir uma escola no Sindicato dos Metalúrgicos de Santos. E nós tínhamos um grau de consciência política devidamente organizado, a gente sabia o que estava fazendo em São Paulo, a gente veio para cá pensando politicamente, em termos de atuação política, e o Sindicato era um lugar legal para fazer isso, além de ela ter muita competência técnica para isso. Ela pegou a escola do Sindicato dos Metalúrgicos de Santos, se eu não me engano, com 300 estudantes, e quando ela saiu, havia mais de mil estudantes.

E minha primeira experiência como professor de Língua Portuguesa, em termos profissionais, não mais como voluntário, foi no Sindicato dos Metalúrgicos de Santos. Foi uma experiência bastante curiosa. Todos os professores tinham o mesmo salário e ganhavam pelo mesmo número de horas trabalhadas. E a gente sabe que o currículo não permite que isso aconteça, em função da distribuição da carga horária; mas, naquelas escolas, os professores complementavam a carga horária de 30 horas, se eu não me engano, com produção de textos referentes ao seu trabalho.

Era um momento de muita efervescência política no Brasil. A crítica à ditadura estava muito acirrada. Paulo Freire estava voltando [do exílio], muita gente voltando, no finalzinho da década de 1970. Tudo estava ficando bastante animado. Passei durante dois anos, três anos nessa experiência, em Santos. Depois, fui dar aula como professor de cursinho. Dei aula no cursinho da Poli, como professor de redação durante alguns anos. Isso também me deu uma experiência muito boa na área. E, na sequência, fui convidado a participar de um projeto novo como educador de rua, feito pelo primeiro governo Franco Montoro, em 1986. Fui consolidando em mim os meus princípios.

Via muita criança negra (antes eu via homens negros, jovens negros) dormindo na rua, sendo estuprada na rua. De alguma maneira, isso vai constituindo um currículo pessoal, além de rico, muito difícil para que alguém o dobre para posições diferentes às suas, porque você está vivenciando histórias dramáticas. Eu vi aluno meu morrer em experiências educacionais. Eu vi lá na Escola Oficina, eu e outros professores da época. A gente pegava os menores da rua, na Praça da Sé, e levava para o interior da escola, tentando alfabetizá-los. Nesse processo, eu era responsável por alfabetizar em língua portuguesa crianças que não sabiam nada; a experiência que a gente tinha em alfabetização popular serviu um pouco para isso. Eles gostavam

de ouvir histórias, eu era um contador de histórias para os menores de rua. Era o único momento de paz que a gente tinha. E me chamava atenção como aquelas crianças não queriam ouvir histórias que não fossem da Branca de Neve, ou seja, as histórias dos irmãos Grimm, as histórias fantasiosas, encantadas. Elas só queriam essas histórias. Você não tinha muita produção associada à cultura negra, como temos hoje, mas a gente conhecia algumas histórias que também introduzia, ou inventava histórias.

A segunda formação acadêmica: sou mestre em sociologia pela Universidade São Paulo e, ao mesmo tempo, fiz um curso inacabado de literatura hebraica, português e hebraico. Foi uma imersão em função de uma necessidade familiar. De mudança para São Paulo, eu já tinha três filhos. Tenho quatro, mas os meus três filhos aqui em São Paulo não tinham clube para ir. E todos os clubes que estavam no entorno do Butantã, que é onde eu moro, eram clubes que manifestavam racismo. E um clube que tinha um prestígio bastante interessante estava à minha disposição, do lado de minha casa, o clube da USP.

Só entravam funcionários, estudantes e tal. Como eu já tinha um curso universitário, fui me informar quais eram as possibilidades de eu participar daquele clube com minha família, e

conheci uma tal Portaria 68. A gente fazia um vestibularzinho para as vagas restantes em determinados cursos, ou aquelas que depois de entrarem os alunos abandonavam. Soube que tinha vaga para português/hebraico. Tinha árabe também, algumas línguas interessantes, mas absolutamente irreconhecíveis para mim, para meus interesses imediatos, até que eu saquei uma ligação que existia entre a luta dos judeus e a luta dos negros. Sempre fui muito crítico com relação a essa aproximação, sempre acho que são coisas diferentes. Principalmente, porque os judeus são brancos. Eles têm que ter uma posição política muito forte, e aí, sim, vão ser discriminados. E o negro não precisa de posição alguma, basta ser negro andando na rua, que a polícia vem e dá um tiro, mata e acabou.

Nossa vida é o tempo todo a condição da sobrevivência, mesmo hoje nada garante que vou chegar em casa tranquilo, nada garante. As pessoas não têm noção do que isso significa. Não é essa terminologia cínica, de chamar esse tipo de situação de vitimismo ou mimimi. Vitimismo ou mimimi só fala quem nunca viveu e, geralmente, são pessoas que provocam as agressões que a gente geralmente sofre, seja de natureza física ou mesmo psicológica.

Não terminei o curso de literatura, fui até o terceiro ano, mas ali o engavetei.

Um professor fora do comum

Sempre trabalhei na perspectiva de ensino da língua como a língua viva, trabalhando objetivamente. E isso foi me dando segurança, e fui chegando nas escolas de classe média. Primeiro foi o Santa Cruz, dei aula na EJA do Santa, que ficava na boca da favela, no Jaguaré. Fiquei lá cerca de oito anos.

Depois, fui convidado para trabalhar na Escola Caravelas. Estou com 70 anos e, quando entrei lá, eu estava com 30 e poucos, com muito mais energia para fazer. Na Caravelas, a gente começou a discutir coisas interessantes, era 1988, centenário da Abolição, aquela coisa toda, muita evolução política. Não perdi tempo, associei uma coisa a outra, joguei no currículo. Sempre fiz uma coisa não muito forçada, tenho consciência do grau de resistência que uma criança pode ter e até onde eu posso ir como adulto naquela situação, até pelos meus próprios filhos, que ajudei profundamente a criá-los, não só a fazer.

Na região Oeste, tinha um grupo de escolas chamado Grupo, com cerca de 65 escolas, o Vera Cruz também fazia parte, Gracinha, Rainha da Paz, uma série de escolas que tinham

uma proposta, digamos, mais de vanguarda em termos de educação, e de alguma maneira os professores dessas escolas também conversavam entre si, os coordenadores também, portanto, tinha uma articulação de educação de vanguarda, alternativa. São escolas fundadas por professores, como alternativas à situação política do país. O Vera tem um pouco dessa história. Você tinha um grupo de escolas em que você poderia ter uma atuação diferenciada.

Sempre acreditei no seguinte: se você me der a Bíblia, eu dou uma aula com ela, porque eu não li sua Bíblia. A questão é essa. Quer dizer, a relevância que a Bíblia tem para mim é ter sido um livro de vários livros, feito por várias pessoas e que de alguma forma deu uma constituição à sociedade ocidental. Eu brincava com os alunos do Vera. A gente discutia racismo com *Ensaio sobre a cegueira*. O cara fala de uma cegueira branca, certo? Que ninguém percebe. É isso, é o racismo no Brasil, quer dizer, as pessoas estão o tempo todo aqui vivenciando, praticando racismo de uma forma tão natural, que é essa cegueira branca. Quer dizer, a genialidade de Saramago estava nisso, você poder lê-lo de acordo com as circunstâncias em que você se encontra e ir além. Essa foi uma sacada minha para discutir *Ensaio sobre a cegueira* com a molecada.

Nunca tive nenhum tipo de questão com relação ao meu trabalho no Vera Cruz, nem em escola nenhuma, nunca tive. Até porque minha argumentação era muito forte, não dava. Qualquer coisa que eles falassem ficava muito difícil de a gente ir para o debate e eu ser dobrado nesse debate, porque eu tinha um princípio de vida em que eu acreditava. As pessoas também tinham, mas não tinham esse conhecimento que hoje está sendo colocado como protagonismo, lugar de fala, seja lá o que for, mas que muitos de nós fomos constituindo isso na prática, vivenciando isso, construindo.

Uma das coisas que sempre enfatizei: leitura, produção, interpretação e escritura de textos. Isso é lei para saber língua, ler bastante, escrever bastante, e, nessa intersecção, você saber fazer releituras, portanto, interpretar o texto do outro. Isso, a princípio, é sempre uma coisa muito óbvia quando falado, mas, na prática de sala de aula, não é assim que se dá, porque a sociedade não estimula a leitura de livros. Mas, de repente, todas as outras ferramentas hoje existentes, tecnologicamente falando, começam a ser mais requisitadas, porque são mais sedutoras, a juventude está mais articulada com elas, e o livro passa a ter um lugar meio que secundário. Na minha cabeça, o desafio estava aí. Eu gostava dessa ideia de “Vamos discutir como vai ler, mas vai ler”.

No Vera, tem essa preocupação bem marcada com relação aos alunos que vinham para nós, por exemplo, no Ensino Médio. Primeiro, uma característica de classe dos alunos, até porque a gente via que nossos alunos eram filhos de pais professores, de intelectuais, pessoas que tinham uma preocupação social já diferenciada e hábitos de escrever e ler; acho que isso ajuda bastante, porque não é só a escola que faz isso, mas tem uma família, são partes iguais.

Eu dizia para os alunos da 1ª série [do EM]: "Daqui a três anos, vocês vão buscar caminhos novos para vida. A vida vai começar de verdade para vocês. Vocês vão perceber que ela não é uma festa em homenagem a vocês. Antes de vocês nascerem, outras pessoas existiram e traçaram alguns rumos que a gente segue até hoje. Então, vocês vão precisar saber de coisas que talvez não sejam agradáveis para vocês. E essas coisas estão em alguns livros, e os livros são esses, 16". Comecei dando entre 16 livros nos primeiros anos, depois eu diminuí para 14, porque percebi que estava meio forçado. Eram livros clássicos. O desafio era ler quatorze livros. Tem que ter uma carga horária razoavelmente boa, pelo menos o Vera sempre teve.

Ensino Médio: reflexão...

Quando comecei no Vera, fui o primeiro professor de Língua Portuguesa no Ensino Médio. Comecei com 26 aulas, quer dizer, uma carga fantástica; além de eu ganhar mais, trabalhava muito. Mas uma coisa puxa a outra. Tem esse outro dado que é importante. O Vera tem uma competência administrativa, em termos de pagamento de professor que realmente cria uma situação interessante para o profissional. Eu entendo desse jeito. E quando não cria, se o professor tiver algum princípio sério com relação a sua atividade sindical, profissional, você vai à luta. A gente fez isso, a gente fez uma greve no Vera, para melhorar determinadas circunstâncias do trabalho. Hoje, você tem uma sala dos professores com lanche, porque essa era a minha briga em outras escolas. Até porque eu sabia o quanto as escolas cobravam dos pais, portanto, a escola tinha que dar também condições legais de trabalho ao professor.

O primeiro grupo de professores do Vera era nata, fantástico. Eram companheiros com a competência política, visão política e de mundo, todos com muita experiência política e com a competência profissional muito grande, todo mundo lia muito, discutia muito.

O principal mentor da minha presença no Vera foi o Edaival [Mulatti, coordenador]. Por que digo isso? Ele era um homem casado com uma asiática, eu acho que isso faz diferença no pensamento. No caso brasileiro, acho que isso faz diferença, porque você percebe a diversidade dentro de casa. Quer dizer, um homem branco casado com uma mulher asiática, com certeza passou por determinadas situações. E o Edaival era físico, muito respeitado na Escola. Maria Lúcia [Di Giovanni, coordenadora] era socióloga, também muito competente.

Esse primeiro grupo de professores estava ajudando a pensar a formação do Ensino Médio. Em 1995, a gente começou. Foi trocando ideia aqui, ali, aparando arestas e depois começamos a ter reuniões regulares com Maria Lúcia e Edaival para traçar um quadro curricular. Conversamos com vários especialistas, filósofos, pedagogos que vinham da USP ou de outros lugares para constituir um currículo sólido. O Vera sempre teve a preocupação de não entrar de qualquer jeito numa experiência, acho que isso é também muito importante, e, ao mesmo tempo, deu para a gente também uma ampliação na formação de cada um, e todos tinham uma experiência acumulada muito grande. Isso fez a diferença.

Era um grupo de professores de que se tinha orgulho, a maioria tinha pós-graduação, eram pesquisadores e tinham conheci-

mento da realidade. Tanto é que a gente fez uma greve. E a Escola parou um dia, a gente foi para a Escola e não trabalhou, no Ensino Médio. E as outras Unidades também fizeram. E nós conseguimos o que queríamos. Uma das reivindicações era plano de saúde e plano de carreira. Eram duas situações que as escolas particulares têm muita dificuldade de trabalhar, a rede estadual também tem. Passa um determinado momento, e o professor fica desestimulado para trabalhar. E uma das coisas que eu sempre me neguei a fazer é repetir o conteúdo. O professor tem que olhar o seu conteúdo sobre vários ângulos para poder não ter a ideia de que vai esgotá-lo em um ano.

... e prática

Sempre achei importante trabalhar com os clássicos. Eu usava a gramática como elemento de pesquisa. "Vocês, agora, vão para a biblioteca, peguem as gramáticas e produzam uma paráfrase sobre concordância que tenha imagens. Eu quero que vocês mostrem isso por imagens." Eu sempre procurei trabalhar com todos os recursos disponíveis. Se eu trabalhasse aqui [na Unidade Vila Ipojuca], eu não daria aula em sala de aula, mas ao ar livre. "Cada grupo fica num canto", e eu ficaria rodando. Os alunos adoram isso. E você cria uma situação de aula. É a coisa não virar animação sem sentido.

Eles iam com um caderno e com uma indicação do que fazer, então, ficavam espalhados pela Escola, não só dentro da biblioteca, mas na Escola inteira. E eu ficava rodando. Então, muitos alunos não tinham noção de que estavam tendo aula. Depois, todo mundo tinha que apresentar um trabalho sobre concordância, sobre o uso dos porquês, coisa e tal, mas dentro de um contexto necessário, porque o conhecimento precisa ser construído, não surge na frente do aluno. Quando você começa a aplicar aquilo que você de alguma forma pesquisou e ouviu, você introjeta melhor isso, passa a entender mais o uso que está fazendo das coisas.

Mas, aí, a Escola começou a ter perspectivas diferenciadas com relação à entrada do vestibular, e também os colegas professores das outras séries tinham uma visão diferente da minha, e eu era voto vencido. Objetivamente, a Escola e os dois professores, professoras, pensavam semelhante, e elas se colocavam desse jeito, mas eu fazia do meu jeito, na 1ª série. Como eu era o cara, fui o primeiro, eu abusava um pouco dessa minha posição (risos).

Eu trabalhava na perspectiva de que leitura, escritura e interpretação de texto são elementos de um mesmo processo, e não dá para separá-los. Toda vez que você separa, e as

escolas fazem isso, eu não tenho a menor dúvida de que as aulas de redação são separadas das aulas de língua e literatura em função dos interesses acerca dos vestibulares. Eu não tenho a menor dúvida disso, porque eu fui professor de redação em cursinho. E eu percebia o tempo todo que, quando você vai dar redação, não tem como falar de literatura e não falar de língua portuguesa, das articulações, da coordenação, da subordinação, da pontuação, da interpretação, ou seja, essas coisas não se separam. Quando você separa, em algum momento, você tem que pegá-las todas de volta e juntar. Quer dizer, quando você fala em literatura, você vai ter que fazer os alunos identificarem tipos diferentes, por exemplo, de discurso, descritivo, narrativo, dissertativo. E, aí, não é necessário só que o aluno identifique no olhar, ele tem que fazer, porque se ele faz, ele incorpora o conceito.

É muito complicado falar para o aluno que não existe neutralidade na produção de texto. E tem professor de Português que acredita que existe, mas não existe possibilidade nenhuma de você fazer um texto neutro. Isso é conversa de jornalista ou dos donos de jornais, mas neutralidade não existe. A gente escolhe as palavras que vai colocar no texto *a priori*. Você vai escrever um texto, você escolhe palavra, e isso já é um momento de marca subjetiva do texto. Procurei sempre mostrar isso para os

alunos, quer dizer, toda vez que você escreve um texto, você escolhe uma palavra e outra coisa, todas as palavras que a gente escolhe ou não escolhe, elas são no mínimo polissêmicas, elas têm vários sentidos.

O curso...

Eu dava aula de Cultura Brasileira também para os alunos de 2ª e 3ª séries. A Lei 10.639 começou lá atrás, e eu fazia cobranças ao Vera: "Olha, vou começar a trabalhar em cima disso." A gente fazia o seguinte: eu tenho uma certa segurança com relação à importância dos meios de comunicação, da indústria cultural, de modo geral. Acho que esse é o momento que a gente está falando muito da tecnologia e esquecendo quem é a mentora desses processos, a indústria cultural. As escolas ficam seduzidas ou convencidas da importância de introduzir a tecnologia de ponta que vai aparecendo, porque é uma forma de seduzir os seus alunos e pais de alunos. Porque se você não usar tecnologia de ponta, a outra escola vai usar. Resultado: todo mundo começa a usar coisas que os alunos já dominam de alguma maneira. Minha crítica é que esses usos sem a devida compreensão geram alienação com relação a conhecimento. Você tem uma produção de conhecimento que é apresentada por você, o operador disso. Você não é construtor disso, você não tem o domínio concreto dessas histórias.

...e a famosa feijoada

No fim do curso, a gente fazia a feijoada na lanchonete, na hora do almoço, e a nossa discussão era sobre o que representava a feijoada na cultura brasileira. Primeiro, é que historicamente a feijoada era um catado do que sobrava da casa-grande e dado para os escravizados. Juntava-se tudo que sobrava e se fazia uma panelada, e dava para os escravizados. Alguns teóricos levantaram polêmica com relação a essa questão. E isso começou a ser visto de uma outra forma. "Mas será que não seria possível a gente fazer uma releitura nossa? Da feijoada, da composição desse prato? Eu vou pensar basicamente como carioca: no Rio, a gente come colocando feijão preto embaixo, aí, depois, coloca o arroz branco em cima, a carne vermelha do lado e a couve do outro. Se bobear, você tem uma laranjinha ali perto. A gente pode fazer uma leitura mais ousada, entender que aqui tem um pouco da população brasileira, entendeu? Olha bem: feijão preto, arroz branco, carne vermelha e laranja amarela. E cada um proporcionalmente colocado no prato. Por que que é diferente a constituição do prato de comida de vocês aqui? Noto isso aqui no refeitório o tempo todo?". O que eu quero dizer com isso é que eu marcava na feijoada esse elemento fundamental, porque a gente é aquilo que come. Os judeus não comiam

a feijoada. Eles contribuía, mas não comiam. E, no final, a gente fazia uma avaliação, e a gente dava a nota a partir daí.

O trabalho final era geralmente uma feijoada. Esse tipo de situação, só depois que eu percebi isso, era o atrativo. Meu curso de Cultura Brasileira não tinha vaga nunca. Estava sempre superlotado. E, aí, começou a dar problema, porque tinha outros cursos [eletivos]. Aí, a Escola teve que mudar minha metodologia para poder contemplar todo mundo em termos de participação dos outros cursos. Eu dei o curso por quase oito anos, uma coisa assim.

Essa era a natureza da tal feijoada, no curso de Cultura Brasileira. E nas primeiras turmas, recebi uma placa: "Luiz também é cultura". Eles mandaram fazer. Tinha uma coisa muito positiva na minha relação com os alunos, muita troca verdadeira, muita conversa interessante.

Projeto de vida – de vidas

Sou uma pessoa que li muito e ainda leio, então, o primeiro conceito de raça ficou lá no final do século XIX, Hitler tentou trazer de volta, mas não conseguiu, os fascistas estão tentando, tem que tomar cuidado com isso; esse conceito

quando utilizado hoje, dessa forma, é perigoso. Mas, então, por que a gente fala de racismo? Porque foi colocada a questão pelos brancos. O conceito é utilizado politicamente, não geneticamente. Ser negro, ser branco é uma condição geográfica, agora, a utilização política disso, a gente vai lutar contra. E a minha militância é essa. E a questão era essa, em função da minha radicalidade de princípio, parecia que minha família estava sendo contraditória, porque sou casado com uma branca.

Já discuti isso no interior do movimento negro, sou militante. Não saí atrás da minha mulher, caçando uma mulher branca, simplesmente aconteceu; a gente tinha interesses sociais na época bastante semelhantes, que nos uniu até hoje. Essas coisas acontecem, quer dizer, as pessoas têm uma noção meio parecida com a do Monteiro Lobato, aquela coisa do presidente negro. Negro casa com negro! Parem com isso. Eu caso com quem eu quiser. Estou brigando pela minha autonomia de pensamento e vivência. Conteí essa história para os alunos. "Vocês não se surpreendam se me virem com a mulher branca na rua, baixinha, um metro e cinquenta, e de braço dado. É minha mulher. Resultado: o que eu quero dizer com isso é que essa minha interface também criava uma empatia de me colocar no lugar do outro e o outro no meu lugar.

Minha filha, Inaê [Lopes dos Santos], que é filha de uma mulher branca com um homem negro, é uma das grandes intelectuais antirracistas. Tudo isso está na previsão da vida, ou seja, ser negro, ser branco, insisto, é uma questão de distribuição geográfica e, depois, de posição política. E, aí, você tem que saber lidar com isso. No Brasil, ser negro é uma posição política. Não é só uma questão de pele, porque senão você começa a ser atropelado pela realidade. A gente tem que entender isso para não ficar com trauma interno, com angústia, úlcera, câncer.

A Escola sempre teve uma preocupação quando eu abria a boca. E uma delas foi recentemente, com a criação do Trave-sias, o grupo de ex-alunas. A própria Regina [Scarpa, diretora pedagógica] as colocou em contato comigo. Elas foram se articulando para haver maior número de negros na Escola. Achei fantástica a ideia, porque eu tinha começado um processo na Escola de ver como tinha sido a aplicação da Lei 10.639 no Vera. Conversei com todos os professores, fiz um perfil e entreguei esse estudo para a Direção, mostrando um certo conhecimento, mas que poucos aplicavam, que é o perfil das escolas brasileiras com relação à lei que obriga todas elas a trabalharem a história da África e a cultura afro-brasileira e indígena, que, este ano, está completando 20 anos. Fiz isso em 2017, 2018.

Isso tudo ajudou o surgimento de uma massa crítica de ex-alunas que viraram mães da Escola e que começaram a pensar numa forma de mudar um pouco o perfil do alunato do Vera, colocando crianças negras. Eu achei a proposta muito boa, fui discutir com elas, depois participei do Travessias. Me convidaram para ser um assessor, mas claro que não aceitei, porque, concomitantemente, o Vera tinha convidado minha filha para ser assessora. Não precisa ser muito inteligente para perceber que isso aí não ia dar certo.

Ao assumir o projeto [de educação antirracista], a Escola fez bem, porque era ela que tinha que assumir isso, por mais que tenha sido uma iniciativa que começou também na Escola, mas com mães. Com certeza, o caminho era esse; a Escola, como instituição, tem que assumir esse processo, até porque as mães saem da Escola com seus filhos, e a Instituição permanece. A Escola é a estrutura que vai ter que pensar nisso de forma honesta, é ela que tem essa visão, digamos, de unidade mais bem articulada.

Isso foi uma coisa interessante, porque também me fez poder avaliar minha presença na Escola. Não fiz isso sozinho, acho que tive uma boa contribuição, os outros colegas professores não interferiram de forma negativa, atrapalhando, nunca aconteceu

isso. Muito pelo contrário, a gente muitas vezes trabalhou junto discutindo coisas, eu e Ana [Bergamin, coordenadora] trabalhávamos muito essa questão, posteriormente com os outros professores de História também, de Geografia, Biologia, Química. A gente procurava sempre estar articulando, porque eu também queria entender formas, fora da área de ciências sociais, que pudessem abordar essa questão racial, a luta antirracista e que estivesse dentro do conhecimento específico de cada disciplina.

Muita gente, como eu mesmo também, tinha, digamos assim, pouca informação e pouca formação sobre a questão racial, dentro do Brasil, de um modo geral, porque de alguma maneira nossa história conseguiu contaminar a todos com a ideia de democracia racial, uma ideia absolutamente voltada para os interesses das elites brasileiras. A abolição da escravidão no Brasil não trouxe para o negro brasileiro e a negra brasileira uma reorganização social, uma recomposição, um novo lugar na sociedade, muito pelo contrário: foi o lugar do abandono, sem qualquer tipo de respaldo. Então, essa experiência dentro da Escola, de alguma forma, me contemplou, e ela também se contemplou.

Na leitura de determinados livros, duas ou três vezes, ouvi a Coordenação falando para mim: “Luiz, tem pai reclamando

que você está falando muito da questão negra”. Eu falei: “Veja bem, eu dou 16 livros, três são de autores negros. Acho que não sou eu o problema. Chame os pais, e eu converso com eles. É só o que eu posso fazer, porque eu vou continuar fazendo isso”. Imagina, eu estou dando 16 livros, se três falam sobre negros, o problema não eram os autores, era eu, porque eu pegava qualquer livro e trabalhava em cima dessa perspectiva, mostrando de alguma forma, estimulando e provocando os alunos para essa questão também, mas não o tempo todo, porque eu não sou idiota. Ainda hoje falar de negro na sala de aula é uma coisa complicada. Menos, porque a Rede Globo e algumas mídias, de modo geral, agora descobriram que negro é lindo, é competente, pode fazer propaganda.

Eu não douro pílula

Naturalmente, o Vera é uma escola que não manda professores embora, o professor ficava o tempo que quisesse ficar, desde que a sua competência permitisse. Eu mesmo, quando entrei, achava que, por ser como sou, não ia durar muito. A cada ano que acabava, até os dez primeiros anos, eu achava: “Deste ano, não passo” (risos). Sempre trabalhei no Vera, mas trabalhava em outras escolas e dava aula na universidade.

Então, essa situação me dava uma certa autonomia. Meu lugar social não estava garantido só pela minha presença no Vera, mas outras tantas presenças também como militante. Chegando próximo dos 20 anos [no Vera], comecei a perceber que provavelmente estava na hora mesmo. Para mim, foi uma festa. Eu falava isso a colegas: “Não se impressione com esse momento. Esse momento não é o que vai acontecer o tempo inteiro”.

Minha saída foi tranquila. Eu tinha consciência de que eu não tinha nascido no Vera Cruz, portanto, eu ia ter um momento para sair. Esse é um dado que eu acho que todo trabalhador tem que ter com relação ao local de trabalho. A outra coisa é que muitas das coisas que eu vivenciei no Vera, de muitas delas eu participei na luta para tê-las, como plano de saúde, previdência privada, essas coisas todas; e, na maioria das vezes, fui reconhecido nas reuniões pedagógicas por Lucília Bechara [diretora do EM], falando da importância da minha participação. De qualquer forma, eram coisas que eu fazia na Escola e que me davam um certo prazer, inclusive trabalhar na Escola me dava prazer.

Eu tinha alunos muito interessantes, majoritariamente muito interessantes, tive pouquíssimos problemas. Acho que outros

professores também tinham essa possibilidade de vivência, sempre muito gostosa e sempre muito íntegra.

Claro que, pessoalmente, você fica um pouco tocado, porque, querendo ou não, você vai deixar de fazer uma coisa que você gosta de fazer, mas ao mesmo tempo reconhece que já deu.

Foi um prazer!

EXIBITOR DOS PRAZERES



Augusto, pai de Carlos Marighella

Maria Rita, Mãe de Carlos Marighella

Tanto anos atrás, o tempo de uma geração, Carlos Marighella foi abatido pelas forças de repressão. Naquele momento ele não mataram apenas o militante intemerato de uma organização, mas um líder que encarnava as aspirações de liberdade e justiça do povo brasileiro.

Os que assumem a grave responsabilidade de combater pela liberdade, não se tornam-se apenas cidadãos coletivos. Carlos Marighella deu a vida por uma causa justa. Ao fazê-lo, transcendeu a sua própria existência e deixou os filhos que não se conformam com a injustiça social.

Uma realização da Escola Vera Cruz | 2023

